

## **PERCEPÇÕES DE JOGADORAS DE FUTEBOL COM RELAÇÃO À PRÁTICA DA MODALIDADE EM DUAS EQUIPES DA SERRA GAÚCHA**

Tânia Saraiva Glowacki<sup>1</sup>

Carlos Gabriel Gallina Bonone<sup>2</sup>

**RESUMO:** O objetivo deste estudo foi verificar quais as percepções de jogadoras de futebol com relação a prática da modalidade em duas equipes da Serra Gaúcha. Para esse fim, optou-se por uma pesquisa qualitativa, descritiva, de caráter transversal, onde a coleta de informações foi feita através de entrevistas semiestruturadas com 4 atletas, sendo 2 de cada clube participante, as quais foram gravadas e transcritas para que ocorresse a análise das informações. Através desta pesquisa, concluiu-se que as atletas ainda possuem muitas dificuldades e desafios, porém é perceptível o desenvolvimento da modalidade na Serra Gaúcha, o que deixa as atletas esperançosas para que, em um futuro próximo, o futebol feminino alcance seu ápice na região.

**Palavras-chave:** Futebol Feminino; Percepções de jogadoras; Serra Gaúcha.

**ABSTRACT:** The objective of this study was to verify the perceptions of female football players regarding the practice of the sport in two teams from Serra Gaúcha. For this purpose, we opted for a qualitative, descriptive, cross-sectional research, where information was collected through semi-structured interviews with 4 athletes, 2 from each participating club, which were recorded and transcribed so that the information analysis. Through this research, it was concluded that athletes still face many difficulties and challenges, but the development of the sport in Serra Gaúcha is noticeable, which leaves athletes hopeful that, in the near future, women's football will reach its peak in the region.

**Keywords:** Women 's Soccer; Player' s Perceptions; Serra Gaúcha.

<sup>1</sup> Acadêmica de Educação Física Bacharelado. E-mail: tsglowacki@ucs.br

<sup>2</sup> Orientador do trabalho. Mestre em Ciências do Movimento Humano. E-mail: cggbono1@ucs.br

## 1. INTRODUÇÃO

O futebol no Brasil começou a ser praticado no século XIX apenas por burgueses brancos (COSTA e MACHADO, 2020). Pretos e mulheres eram proibidos de praticar o esporte. Com o passar dos anos, a prática foi se alastrando e abrangendo todas as classes sociais. Rodrigues Filho (2003, p.69) menciona: “O povo descobrindo, de repente, que o futebol devia ser de todas as cores, futebol sem classes, tudo misturado, bem brasileiro”.

Se o futebol masculino começou a ser praticado por burgueses brancos, o começo do futebol feminino no século XX foi bem diferente, tendo mulheres pobres de periferias como pioneiras. O Brasil possui o título de país do futebol, porém isso não ocorre quando se trata de futebol feminino, já que a prática do mesmo começou a melhorar em 1996 quando se tornou esporte olímpico e alcançou o quarto lugar nesta competição (COSTA e MACHADO, 2020).

Inclusive, a prática de futebol feminino ficou proibida durante a ditadura militar (1941-1979), essa proibição trouxe consequências até os dias de hoje, como diferenças técnicas em relação ao futebol masculino (CASTELLANI FILHO, 1991).

Mesmo com essas melhorias nos anos 90, atualmente ainda é evidente o descaso em relação às condições de trabalho e os obstáculos enfrentados pelas jogadoras. Haag (2018) aponta que o futebol feminino ainda não é tratado com seriedade no país, fazendo com que as atletas busquem outras formas de remuneração para se manterem. Depois de muita luta ocorreu uma evolução ligada diretamente com a FIFA, que em 2016 criou o “Estatuto de La FIFA” proibindo qualquer tipo de discriminação e assegurando a igualdade de gênero no esporte (ALMEIDA, 2019).

É notável que o passado do futebol feminino influenciou muito no seu desenvolvimento e as consequências como diferenças físicas e técnicas em relação a modalidade masculina surgem até os dias de hoje. Segundo Oliveira e Maldonado (2020, p.17): “a história da mulher no futebol está fortemente marcada pela proibição e discriminação em seu passado. Esse fenômeno, atrelado ao preconceito de gênero na sociedade, causa a grande desigualdade de visibilidade, salário e mérito no futebol masculino e feminino”.

A profissionalização no país ainda é um grande desafio para as atletas, pois mesmo com a regra implantada pela CBF, obrigando a manutenção da modalidade feminina em clubes que participam da série A do brasileirão masculino, através do PROFUT (Programa de Modernização da Gestão e de Responsabilidade Fiscal no Futebol Brasileiro), clubes ainda tratam jogadoras como amadoras e não profissionais: “as mulheres que optam por praticar

futebol no país devem estar dispostas a enfrentar uma série de barreiras recheadas de episódios de preconceitos e discriminações” (CORRÊA et al 2015, p.5). Talvez o destaque dessa desigualdade gire em torno da profissionalização e da organização responsável pela modalidade feminina no país, já que ainda existe uma corrida em busca do *status* de esporte profissional.

No Rio Grande do Sul, o Futebol feminino possui uma história com poucos registros, porém segundo Ramos (2016), na década de 90 os clubes Grêmio e Internacional criaram os seus departamentos de futebol feminino, proporcionando um maior apoio e estabilidade para as atletas. Atualmente, a Federação Gaúcha de Futebol (FGF) assumiu a organização do Campeonato Gaúcho de Futebol Feminino, que teve sua primeira edição realizada no ano de 1983, dando oportunidade para equipes do interior do estado participarem de uma competição de nível profissional.

Diante disso, o objetivo geral do presente estudo foi verificar quais são as percepções de jogadoras de futebol com relação à prática da modalidade em duas equipes da Serra Gaúcha. Além disso, foram objetivos específicos deste estudo: apurar as motivações e dificuldades das atletas, compreender a profissionalização e as relações sociais e de trabalho.

## **2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

O presente estudo é caracterizado como uma pesquisa qualitativa, descritiva e transversal, onde a coleta de dados e informações foi realizada através de um questionário para verificar se as participantes se enquadravam nos critérios de inclusão e uma entrevista semiestruturada para compreender a realidade das atletas.

Para Minayo (2014), a pesquisa qualitativa determina a compreensão e estudo dos fenômenos através da percepção dos participantes em um contexto natural da realidade que os rodeia, baseando-se nas suas experiências e opiniões, com a finalidade de manifestar suas subjetividades. A pesquisa descritiva apresenta traços de determinada população ou de determinado episódio (VERGARA, 2004). Segundo Freire e Patussi (2018), o estudo transversal é aquele que analisa uma informação específica em um determinado momento levando em conta as características da população.

Em um primeiro momento, foi realizado um contato com a direção dos dois clubes, a fim de apresentar os objetivos do estudo e solicitar a autorização para a realização do mesmo. Em seguida, foi efetuado o contato com as atletas pedindo para que assinassem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e entregue um questionário para que fossem

verificados os critérios de inclusão.

O instrumento utilizado para consistir na coleta de informações do estudo foi uma entrevista semiestruturada. A entrevista semiestruturada é formada por questões abertas, elaboradas antecipadamente com o objetivo de aflorar o diálogo entre o entrevistador e o entrevistado (DICICCO-BLOOM; CRABTREE, 2006). Ela foi gravada, transcrita e enviada para as atletas que fizeram as alterações necessárias, constituindo-se assim, a validação das entrevistas. Para Polit e Beck (2011), a análise de informações qualitativas é um grande desafio, já que é necessário organizar e entender grande quantidade de narrativas, lembrando que as transcrições devem refletir a total experiência da entrevista.

A amostra foi composta por quatro jogadoras, sendo duas de cada clube da Serra Gaúcha que se encaixaram nos critérios de inclusão. As atletas participaram de forma voluntária e foram informadas dos objetivos do estudo, sendo convidadas a assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). O quadro abaixo apresenta algumas características das jogadoras.

QUADRO 1- Informações das atletas de duas equipes de futebol feminino

<b>Atleta</b>	<b>Idade</b>	<b>Tempo de experiência profissional</b>	<b>Participação em competições oficiais</b>
P.A.	19 anos	2 anos	Quatro participações
B.L.	20 anos	4 anos	Quatro participações
D.G.	23 anos	6 anos	Seis participações
Q.K.	24 anos	4 anos	Quatro participações

Após a validação das entrevistas, por parte das atletas, as mesmas passaram por um processo de análise, onde primeiramente foram identificadas as unidades de significado de cada uma das respostas concedidas.

Posteriormente, promoveu-se a junção das unidades de significado, que acabaram por formar as três categorias de análise deste estudo, que são: a) Iniciação e motivações para a permanência no futebol; b) Os desafios e dificuldades na carreira de atletas no futebol feminino; c) As expectativas com relação à evolução do futebol feminino.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste momento, apresentarei três categorias de análise que foram definidas a partir de entrevistas realizadas com quatro atletas que atuam em duas equipes de futebol feminino da Serra Gaúcha. As três categorias são: Iniciação e motivações para a permanência no futebol, os desafios e dificuldades na carreira de atletas no futebol feminino e, por último, as expectativas com relação à evolução do futebol feminino.

### **3.1. Iniciação e motivações para a permanência no futebol**

A iniciação de muitas meninas no mundo do futebol ocorreu de maneira parecida, começaram jogando com meninos na rua, até que entraram em escolinhas de futsal nas quais também dividiram espaço com meninos, já que o futebol historicamente sempre foi dominado pelo sexo masculino.

Ao nos depararmos com o cenário em que o futebol feminino se encontra atualmente, possuindo um pouco mais de espaço, obtivemos a curiosidade de saber como essas meninas começaram suas jornadas no futebol. Ao questionar duas atletas sobre as suas iniciações no futebol, a jogadora D.G. comentou: *“Na infância, eu jogava com os meninos na rua mesmo. Um dia minha vó me viu jogando na rua e me levou para uma escolinha do bairro que era com os meninos. Comecei nessa escolinha com 8 anos e a partir desse momento comecei a treinar direto e desenvolver os fundamentos e técnicas do futsal, isso me ajudou a me desenvolver bastante”*. A jogadora B.L. expressou uma realidade parecida: *“Eu comecei com 7 anos de idade, eu jogava com os meninos, a partir desse momento iniciei em uma escolinha que inclui time feminino, mas jogávamos com os meninos também, era feminino contra masculino na verdade. Nisso surgiu a oportunidade de fazer um teste em um time de Estrela, tinha mais de 200 meninas participando dessa peneira, eu nunca tinha jogado campo, somente futsal. Na época eu tinha 13 para 14 anos, insisti muito, meu pai me levou e passei no teste, fiquei 3 anos nesse time, ganhamos o gauchão sub 15 contra o Internacional. Nesse meio tempo o Internacional me chamou, fiquei 3 anos no time e agora estou no Juventude”*.

É interessante perceber que essas duas atletas começaram jogando de brincadeira com os meninos, até que adquiriram cada vez mais gosto pelo esporte e seguiram para um ambiente mais técnico. Já as duas atletas entrevistadas em seguida iniciaram diretamente em ambientes mais técnicos. A jogadora P.A. declara: *“Eu comecei no futsal, joguei até meus 15 anos e depois disso um time da minha cidade montou um time no gauchão feminino de campo. Comecei a*

*jogar com eles e o Juventude me viu jogando e fez proposta para jogar esse ano com eles*”. A jogadora Q.K. também comentou: *“Na verdade começou com uma tia minha que mora em SP, ela tem um time de futebol e meu pai sempre me levou junto, então desde que me conheço por gente eu amo futebol. Comecei no futsal e conheci mais o futebol de campo aqui no Brasil de Farroupilha”*.

O futsal possui um papel importante na iniciação de diversos atletas, no futebol feminino não poderia ser diferente, a base técnica das atletas veio do futsal, justamente por não haver estrutura de base no futebol feminino. Segundo Fonseca (2007, p. 35) “A maioria dos jovens passam a infância e parte de sua adolescência lapidando os dribles, as tomadas de decisão, a criatividade, a velocidade de raciocínio, o controle e o domínio de bola junto ao corpo nos espaços reduzidos de FUTSAL [...]”

O trabalho de base no futebol feminino ainda está em um processo de desenvolvimento, são poucos clubes brasileiros que oferecem essa oportunidade para a iniciação de meninas, tendo as mesmas que iniciar um trabalho com meninos para subir para o semiprofissional, com a técnica aprimorada para seguir carreira. Conforme Jonas, técnico da Seleção Brasileira sub 20, em entrevista ao site Dibradoras (2019) "Precisamos conseguir a captação dessas atletas mais cedo, dar oportunidades para que elas iniciem mais jovens no futebol já pensando em um projeto de carreira".

Com o desenvolvimento da modalidade, é interessante descobriremos o que manteve essas jogadoras na profissão, bem como o que as motiva, pois sabemos que as barreiras enfrentadas por essas atletas ainda são muitas.

Entre as motivações encontradas por atletas para seguir na carreira, é possível destacar o apoio da família, a paixão pelo futebol e, por último, o sonho de receber propostas para jogar em grandes clubes. Sobre suas motivações para seguir na carreira, a jogadora D.G. menciona: *“Tenho que citar novamente minha vó aqui que foi uma das minhas principais apoiadoras, ela jogava futebol também e em 2020 eu tive o prazer de passar pelo Vasco da Gama que era o clube do coração dela. Acredito que a principal motivação é minha família, realizar esse sonho pelo meu pai e minha vó que não conseguiram realizar esse sonho é minha principal motivação*”. A jogadora P.A. também comenta: *“Eu sempre tive o sonho de ser jogadora de futebol, acredito que o que mais me motiva é minha família que sempre esteve comigo, me apoiando. Todo esse suporte me motiva a seguir buscando meus objetivos e também o sonho de jogar em clubes maiores*”.

Através da resposta destas duas atletas, percebemos que o apoio familiar é muito importante para que elas mantenham a estabilidade emocional e obtenham a persistência necessária para essa carreira cheia de obstáculos. O apoio da família é fundamental para a continuidade da atleta no esporte e é primordial para a estruturação emocional (BRITO, 2019; MARTINS et al.,2020).

Nas respostas de duas outras atletas, é possível ressaltar a busca por valorização e a paixão pelo esporte. A jogadora B.L. afirma: *“Acredito que é essa busca pela valorização do futebol feminino, de ver a crescente desde quando comecei até aqui. A paixão que eu tenho por jogar também, de poder estar vestindo uma camisa e honrar isso”*. A jogadora Q.K. seguiu o mesmo raciocínio da jogadora B.L., porém expôs que somente essa motivação não bastava: *“Há uns anos atrás o que me motivava era sair do Brasil de Farroupilha para um time maior, mas por conta da desvalorização eu percebi que não era algo que me daria um futuro, foi dessa maneira que optei por fazer o curso de técnica de enfermagem”*.

A busca por valorização é uma batalha que muitas jogadoras ainda enfrentam, por mais que tenham ocorrido melhoras significativas na realidade do futebol feminino, ainda é perceptível a diferença da modalidade em relação ao futebol masculino. Muitas atletas usam essa desvalorização como uma motivação para serem parte da mudança, assim como a jogadora B.L., já outras acabam buscando outras maneiras de sobreviver até que a realidade se torne outra, como a jogadora Q.K. vem fazendo. Haag (2018) aponta que o futebol feminino ainda não é levado a sério no Brasil, fazendo com que as atletas busquem outras atividades remuneradas.

O sonho de jogar em grandes clubes do país e do mundo, ser reconhecida e jogar ao lado de atletas renomadas é o principal objetivo de quem segue na carreira de jogadora de futebol. A esperança de encontrar estabilidade na carreira, disputando grandes competições faz também com que essas meninas persistam neste sonho.

Durante a comparação de respostas das atletas, percebemos que mesmo com suas particularidades, as jogadoras possuem pontos em comum quando se trata da iniciação no mundo do futebol, bem como suas motivações para seguir na carreira. Destaca-se como ponto principal da iniciação das atletas o convívio com meninos e a divisão desse espaço para que conseguissem esse primeiro contato com o esporte.

Percebe-se que a iniciação das atletas se liga diretamente com suas motivações, já que o apoio da família foi e segue sendo um dos motivos centrais para a permanência na carreira, ou seja, ao longo da sua iniciação os familiares procuraram alternativas para que as atletas

continuassem praticando o esporte de maneira mais técnica e, atualmente os mesmos seguem dando suporte para que as meninas continuem evoluindo como atletas.

### **3.2. Os desafios e dificuldades na carreira de atletas no futebol feminino**

Por mais que seja perceptível a evolução do futebol feminino na Serra Gaúcha, com clubes exibindo grandes jogos contra os dois maiores clubes do estado e chegando na semifinal do campeonato estadual, ainda são muitos os desafios e dificuldades enfrentadas pelas jogadoras.

Quando analisamos a atual realidade dos dois clubes da Serra nos campeonatos disputados, as dificuldades parecem ser mínimas, porém não é isso que as atletas expõem. A jogadora D.G. comenta: *“O frio é um desafio, por eu não ser daqui, nunca tinha passado por temperaturas tão baixas. Normalmente os treinos são no período da noite para algumas atletas trabalharem durante o dia, então as temperaturas baixas são um desafio. A questão contratual também é uma dificuldade, sendo que são contratos curtos apenas para o período de campeonato”*. A jogadora P.A. também compartilha da mesma realidade com relação ao frio, mas destaca outro desafio na rotina de atleta profissional: *“O frio, sem dúvidas, é um desafio. Acredito que estar longe da minha família é o mais difícil, eu sempre estive perto deles e agora quando preciso tenho que esperar surgir um tempo na agenda para conseguir vê-los, já que eles moram longe”*.

Sabemos que o frio exposto pelas duas atletas anteriormente se torna o menor dos desafios enfrentados por elas, já que em seguida a jogadora D.G. fala que os contratos oferecidos pelos clubes no futebol feminino são muito curtos, normalmente durando apenas um campeonato, deixando seu futuro profissional incerto. Segundo Cris Gambaré, diretora de futebol feminino do Corinthians, em entrevista ao site Globo Esporte (2021): *“Por muitos anos, o calendário do futebol feminino no país, quando existia, era composto por poucos jogos concentrados em poucos meses e sem nenhuma garantia de continuidade na temporada seguinte. Isso resultava em acordos de no máximo um ano, prática que vem sendo mantida na modalidade”*.

Outra dificuldade citada, agora pela jogadora P.A. é a distância da família, o emocional das atletas é muito importante para que elas apresentem um bom desempenho dentro de campo e acreditamos que o suporte da família e a proximidade são essenciais para o futuro na carreira, por isso é importante buscar alternativas que aproximem esse contato direto com a família.

As duas seguintes atletas declaram como suas principais dificuldades a conciliação do trabalho com os treinos no clube e o preconceito do público em relação ao futebol feminino. A jogadora Q.K. declara: *“Os maiores desafios é conciliar o trabalho com os treinos e as viagens nos finais de semanas, porque já chego cansada nos treinos, ou seja, não sobra tempo para descanso”*. Enquanto a jogadora B.L. comenta: *“Acho que ainda existe muito preconceito do público em relação ao futebol feminino, percebemos que o masculino lota estádio e nós cobramos apenas dois quilos de alimento e mesmo assim não alcançamos um bom público. Eu percebo que o povo daqui possui uma mentalidade de que futebol não é para mulher ou que o jogo feminino não se compara ao masculino, não só na Serra Gaúcha, mas na Região Sul de modo geral”*.

O preconceito em relação ao futebol feminino é mais um obstáculo enfrentado pelas atletas, a baixa remuneração é um exemplo disso. A busca por tratamento igualitário no esporte demonstra que a modalidade feminina precisa de atitudes firmes por parte das entidades responsáveis, visto que a evolução da modalidade no país se conecta de maneira direta com as regras voltadas à igualdade de gênero. Em 2016, a FIFA divulgou o “Estatuto de La FIFA” que defende a proibição de discriminação, assegurando a igualdade de gênero no futebol (ALMEIDA, 2019).

Mesmo com a regra estabelecida pela FIFA citada acima, o preconceito em relação à modalidade feminina ainda está muito presente na sociedade, as ideias ultrapassadas de que futebol não é para mulher estão muito explícitas no comportamento de boa parte da população. Para Bruhns (2000) ainda não é possível afirmar que a sociedade não discrimina a mulher quando fala em praticar futebol.

A realidade do futebol feminino ainda está longe de ser a ideal para as mulheres que procuram seguir na carreira profissional, a busca por outras formas de remuneração para que possam sobreviver é mais comum do que muitos imaginam. Mesmo com a regra estabelecida pela CBF obrigando a manutenção do futebol feminino em clubes que participam da série A do brasileiro masculino, através do Programa de Modernização da Gestão e de Responsabilidade Fiscal no Futebol Brasileiro (PROFUT), clubes ainda tratam jogadoras como amadoras e não profissionais: “As mulheres que optam por praticar futebol no país devem estar dispostas a enfrentar uma série de barreiras recheadas de episódios de preconceitos e discriminações” (CORRÊA et al 2015, p.5).

No Rio Grande do Sul, o futebol feminino ainda está em desenvolvimento, porém já é possível observar uma crescente evolução em relação à estruturação e suporte da Federação

Gaúcha de Futebol. Alessandro Barcellos, atual presidente do Internacional, em entrevista ao GZH (2023), destaca: "A equipe feminina do Inter é uma das principais do futebol brasileiro e atualmente top 4 da América. Digo isso para deixar claro que temos aumentado continuamente o investimento e sendo adequado para manter o Inter em alto padrão de competitividade". O que falta no estado é a população abraçar a modalidade feminina comparecendo em jogos para que assim aumente a visibilidade do esporte tão amado pelo povo brasileiro.

Em relação à remuneração e aos contratos de curta duração, falta um movimento por parte dos clubes na valorização de atletas, acreditamos que seja uma questão organizacional de cada clube. Nesta temporada, já conseguimos ver grandes clubes dando total suporte para atletas como bolsa estudo, moradia e salário, mas essa realidade é exceção comparada ao restante dos times participantes do campeonato gaúcho. Para que o futebol feminino continue crescendo, não só no Rio Grande do Sul, mas no Brasil, é necessário que os clubes não abram seus departamentos femininos por obrigação, e sim por ter a pretensão de apresentar uma nova possibilidade e realidade para meninas que serão o futuro do esporte.

### **3.3. As expectativas com relação à evolução do futebol feminino**

O futuro do futebol feminino no Brasil é promissor, sendo que em alguns Estados o mesmo já atingiu um nível técnico altíssimo, enquanto em outros ainda está em desenvolvimento. No Rio Grande do Sul, a modalidade está em uma crescente muito rápida. Há dois anos, somente os clubes da capital eram bem estruturados, porém, atualmente os dois clubes do interior participantes deste estudo, vêm se destacando nos Campeonatos nacionais e estaduais, gerando expectativas nas atletas.

Em relação às suas expectativas a jogadora P.A. expõe: *"Espero que continue crescendo, que aumentem os times que participam do Gauchão, dando assim mais oportunidade para as meninas. Que o futebol feminino seja mais valorizado, mais acompanhado, que os clubes criem times pensando na modalidade e não apenas por obrigação"*. Com o mesmo pensamento, esperando que o futebol feminino seja mais valorizado, a jogadora Q.K. comenta: *"Eu espero que apareçam mais times, que valorizem mais, não só o masculino, mas liberem esse espaço pro feminino também. Porque quando tem jogo/campeonato do masculino, o feminino é deixado de lado, atrasando todo o calendário de preparação para os campeonatos femininos"*.

Mesmo com o desenvolvimento do futebol feminino e uma melhora nítida da realidade das atletas, até agora percebemos que a luta por valorização está longe do fim. Alguns times que possuem seu departamento feminino pecam na organização do calendário e na estrutura oferecida, deixando as jogadoras despreparadas para os campeonatos, pois não realizam uma pré-temporada adequada. Segundo Pessanha, pesquisadora da Universidade Federal Fluminense, em entrevista ao site BBC News Brasil (2023): “[...]um campeonato bem estruturado ajuda a vender o esporte dentro do país. Quanto mais times competindo em alto rendimento, mais torcedores começam a acompanhar.”

A jogadora B.L. está bem confiante em relação ao futuro do futebol feminino no Estado e na Serra Gaúcha. Ela declara: *“Eu espero que cresça cada vez mais, que abra novas portas para a nova geração que está vindo também. Os clubes da Serra Gaúcha estão deixando seu nome, dando oportunidade para as meninas, então acredito que vai crescer muito ainda, principalmente com um bom trabalho na base”*. Outra que está com expectativas altas é a jogadora D.G.: *“Acredito que o apoio das Federações vem crescendo, não só aqui na Serra Gaúcha, mas no Brasil como um todo. Minha expectativa é que eles continuem dando suporte, divulgando e transmitindo nossos jogos. Acredito também que a questão salarial e contratual daqui uns 5 anos vai estar melhor, na verdade já notamos algumas evoluções, a tendência é que continue nessa crescente”*.

Analisando as respostas das duas últimas atletas, percebe-se que o futebol na Serra Gaúcha está em um bom desenvolvimento e que precisa de ajustes básicos para que chegue no mais alto nível. O apoio da Federação Gaúcha de Futebol se torna essencial para que os clubes sigam investindo no futebol feminino e proporcionando a melhor realidade para as atuais e futuras atletas. Conforme Costa (2018): *“As equipes são dependentes de Confederações, Federações e dirigentes que se empenham em fazer algo pelo esporte”*.

Percebe-se que o futebol feminino está se tornando um recurso efetivo para os clubes brasileiros, justamente por estar estabelecendo uma visibilidade positiva, bem como no masculino. A tendência é que mais clubes percebam o tanto que a modalidade pode acrescentar, fazendo com que abram seus departamentos femininos com uma organização financeira e estrutural adequada, para que a mesma possa evoluir cada vez mais.

Observando a atual realidade, a expectativa das atletas não poderia ser diferente em relação ao futebol feminino no Rio Grande do Sul e principalmente na Serra Gaúcha. A modalidade está se desenvolvendo rapidamente, os clubes do interior do estado, que abriram seu departamento feminino há poucos anos, estão pareando com os grandes clubes da capital,

além de disputar campeonato nacional e demonstrar bom desempenho, ou seja, de ano em ano notam-se pequenas mudanças decisivas.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O objetivo central deste estudo foi verificar quais são as percepções de jogadoras de futebol com relação à prática da modalidade em duas equipes da Serra Gaúcha. Os objetivos específicos foram apurar as motivações e dificuldades das atletas, compreender a profissionalização e as relações sociais e de trabalho.

Com relação a isso, notou-se que todas as quatro atletas entrevistadas possuem uma iniciação no esporte parecida, ou seja, todas tiveram que dividir e disputar espaço com meninos para que assim conseguissem fazer o que gostavam: jogar futebol. Essa iniciação esportiva se interliga diretamente com outra motivação das atletas, que sempre tiveram apoio familiar e incentivo para seguir nesse sonho. Mais uma motivação bem evidente na fala das quatro atletas é a luta por mais valorização, sendo que é preciso amar muito a modalidade para seguir mesmo com tantos obstáculos e desvalorização.

Sobre os desafios e dificuldades enfrentados pelas meninas que optam em seguir na carreira, é perceptível que mesmo com o aumento da prática de futebol feminino e crescimento abrupto da modalidade, ainda existem muitas barreiras a serem quebradas por elas. Através dos depoimentos das atletas, percebe-se que o principal desafio ainda se torna a aceitação da sociedade, uma vez que esse apoio do público atuaria diretamente na valorização dos clubes pelas atletas, proporcionando uma melhor infraestrutura e organização.

Sendo assim, as expectativas das atletas se tornam bem positivas e com razão, uma vez que se compararmos a realidade do futebol feminino de dois anos atrás com a da atualidade, é inegável que houveram grandes avanços, sejam eles atitudinais, organizacionais ou estruturais. No entanto, destaca-se que a realidade dos dois clubes é diferente, porém a história das atletas acaba sendo a mesma, marcada por um passado de proibição e luta por espaço.

Durante o processo de elaboração deste estudo, surgiram algumas limitações. Entre elas o pequeno número de clubes na região da Serra Gaúcha e, conseqüentemente, a redução do número de atletas com disponibilidade para responder o questionário e participar da entrevista.

Para fins de continuidade do estudo, sugere-se selecionar clubes de outras regiões do Estado, aumentando a amostra, com o intuito de aprofundar questões abordadas aqui.

Juntamente, seria interessante realizar uma comparação entre a realidade das equipes do interior com as da capital, buscando identificar suas diferenças.

Por fim, encerro utilizando uma frase da Rainha Marta, registrada pela revista Forbes (2023): "Sabe o que é bom? Quando eu comecei não havia ídolos no futebol feminino [...] agora eu saio na rua e as pessoas me param, os pais falam pra mim: minha filha te adora, ela quer ser igual a você". Essa frase expõe uma das maiores conquistas da modalidade: a representatividade.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Caroline S. Mulheres futebolistas: debates sobre violência e moral durante o Estado Novo brasileiro. *Lusotopie*, n. 18, 2019, p. 99-122.

BBC NEWS BRASIL. Menos investimento e proibição: os desafios enfrentados pela seleção feminina de futebol fora de campo. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/clk3r4kgzk7o> > acesso em: 01/11/2023.

Brito, B. J.G. (2019). *Mulheres em ação: Alguns destaques da presença feminina no esporte Amazonense* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Amazonas, Manaus, AM.

BRUHNS, Heloisa T. *Futebol. Carnaval e Capoeira: Entre as gingas do corpo brasileiro*. Campinas-SP. Papirus, 2000.

Castellani Filho, L. (1991). **Educação física no Brasil: a história que não se conta**. Brasil tem 750 jogadoras e a China, 23 milhões. (1996). O Estado de São Paulo, p.5.

CORRÊA, L. S.; SILVA, N. R. S.; MASULLO, R. V. A percepção de meninas praticantes de futsal em relação a preconceito sobre o sexo feminino na prática do esporte. *Revista acta brasileira do movimento humano* – vol.5, n.3, p.1-9 – jul./set, 2015.

COSTA, J. V. C; MACHADO, T. D. S. (2020). Desvalorização do futebol feminino.

COSTA, Martina. UM OLHAR SOBRE O CAMPEONATO GAÚCHO DE FUTEBOL FEMININO ADULTO ATRAVÉS DAS REPORTAGENS DA GAÚCHA ZH. *Revista Brasileira de Futsal e Futebol*, São Paulo. v.10. n.37.p.228-234. Maio/Jun./Jul./Ago. 2018.

DIBRADORAS. Como formar jogadoras? O desafio do Brasil na base do futebol feminino. Disponível em: <https://dibradoras.blogosfera.uol.com.br/2019/09/18/como-formar-jogadoras-o-desafio-do-brasil-na-base-do-futebol-feminino> > acesso em: 26/10/2023.

DICICCO-BLOOM, B.; CRABTREE, B. F. The qualitative research interview. *Medical Education*, v. 40, n. 4, p. 314-321, 2006.

FONSECA, Cris. - *FUTSAL. O Berço do Futebol Brasileiro* Editora Aleph. 2007.

FORBES. Marta não é só uma lenda, mas a melhor coach motivacional do futebol. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbes-mulher/2023/08/marta-nao-e-so-uma-lenda-mas-a-melhor-coach-motivacional-do-futebol> > acesso em: 26/10/2023.

Freire, M.C.M.; Pattussi M.P. Tipos de estudos. IN: ESTRELA, C. *Metodologia científica. Ciência, ensino e pesquisa*. 3ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2018. p.109-127.

GABRIEL, Bruno José. *A cobertura acerca da seleção brasileira de futebol feminino realizada pelo caderno de esportes da Folha de S. Paulo (1991-2011)*. 2015. 254 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2015.

GLOBO ESPORTE. Estabilidade contratual, a demanda invisível do futebol feminino brasileiro. Disponível em: <https://interativos.ge.globo.com/futebol/futebolinternacional/materia/estabilidade-contratual-a-demanda-invisivel-do-futebol-feminino-brasileiro.ghtml> > acesso em 01/11/2023.

GZH FUTEBOL FEMININO. O que pensam os candidatos à presidência do Inter sobre o futebol feminino. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/esportes/futebol-feminino/noticia/2023/11/o-que-pensam-os-candidatos-a-presidencia-do-inter-sobre-o-futebol-feminino-clood9hoa0001013eqmeogbdt.html> > acesso em: 03/11/2023.

Haag, F. R. (2018). “O futebol pode não ter sido profissional comigo, mas eu fui com ele”: trabalho e relações sociais de sexo no futebol feminino brasileiro. *Mosaico*, 9(14), 142-160.

MINAYO M.C.S. O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 11. ed. São Paulo (SP): Mussite, 2008.

POLIT D.F.; BECK C.T. Fundamentos de pesquisa em enfermagem: avaliação de evidências para a prática de enfermagem. Porto Alegre: Artmed; 2011. p. 669.

RAMOS, Suellen dos Santos. Futebol e mulheres no Rio Grande do Sul: a trajetória Esportiva de Eduarda Marranghello Luizelli (Duda). Porto Alegre, 2016. p.156.

RODRIGUES FILHO, Mário. Copa Rio Branco, 32. Prefácio de José Lins do Rego. Rio de Janeiro: Pongetti, 1943. O negro no futebol brasileiro. Prefácio de Gilberto Freyre. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

VERGARA, S. C. Projetos e relatórios de pesquisa em administração. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2004.